

MATERIAIS DIDÁTICOS E AÇÕES AFIRMATIVAS: PIBID NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA

Amanda Fernandes da Silva de Souza¹

Beatriz Melo de Souza²

Kayllanie Santana Fialho³

Juciele Pereira Dias⁴

RESUMO

O presente trabalho é um relato da experiência em ensino de Língua Portuguesa, no 7º ano do Ensino Fundamental do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), desenvolvido pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de Língua Portuguesa. A participação no programa tem proporcionado relações com saberes advindos das demandas da realidade da educação básica, permitindo a compreensão de práticas pedagógicas e dos desafios e possibilidades do ensino de Língua Portuguesa. Entre as atividades desenvolvidas, destaca-se a coparticipação em aulas, a elaboração colaborativa de materiais didáticos voltados para o 7º ano, o trabalho com os estudos da língua e das literaturas, sempre com a materialidade do texto. Essa atuação tem possibilitado refletir sobre a importância do planejamento pedagógico, do trabalho coletivo e da adaptação dos conteúdos às necessidades reais dos estudantes. A imersão no cotidiano escolar também coloca em cena a relevância do PIBID como espaço formativo, ao permitir a articulação entre teoria e prática e o desenvolvimento de competências didáticas essenciais. Mais do que uma formação técnica, essa *práxis* tem proporcionado um olhar sensível sobre a educação e sobre o papel social do professor, reforçando o compromisso com um ensino de qualidade, inclusivo e socialmente engajado.

Palavras-chave: PIBID, Língua Portuguesa, Formação docente, Educação básica, Materiais didáticos.

Introdução

¹ Graduanda em Letras – Português e Literaturas pela UERJ amandafersouzas@gmail.com

² Graduanda em Letras – Português e Literaturas pela UERJ mellobeatriz7050@gmail.com

³ Graduanda em Letras – Português e Espanhol pela UERJ fialhokayllanie@gmail.com

⁴ Doutorado em Letras, professora do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp) da UERJ, jucieledias@gmail.com.



No Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid-CAPES), o subprojeto de Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro realiza parte de suas atividades no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp), com oito estudantes selecionados através de um processo de admissão por Edital público que ocorreu no segundo semestre de 2024. Os bolsistas são supervisionados pela professora Juciele Pereira Dias em suas aulas de língua portuguesa.

Inicialmente, os bolsistas foram divididos para atuarem, no ano de 2025, em duas turmas de sétimo ano, a saber 73 e 74, com aulas nas terças-feiras e quartas-feiras, onde os oito estudantes selecionados foram divididos em dois grupos para contribuírem nos dois dias de aula. Esse acompanhamento, seguindo as orientações do edital, iniciou apenas como atividade de observação em sala de aula a partir do início das aulas no mês de fevereiro de 2025, tendo sido reservado o fim de 2024 para apresentação do projeto e planejamento de 2025. Com o passar das semanas, as bolsistas atuaram sobretudo em atividades de observação, como realizar listas de presença e circular em sala de aula junto aos estudantes para oferecer apoio em possíveis dúvidas com as atividades do material didático.

Um grande diferencial do ensino nesse instituto é que as aulas de língua portuguesa não são dependentes de um livro didático, mas sim fundamentadas em materiais didáticos autorais (apostilas) produzidos pelos próprios professores da disciplina e eventualmente por professores em formação sob supervisão docente. Essas apostilas são semanais e contemplam conteúdos de estudos linguísticos e literários, sempre pautados em textos determinados por questões sócio-históricas em demandas de trabalho em sala de aula. Cabe salientar a ênfase na formulação discursiva das questões que têm por base a produção textual dos alunos. Cada turma tem um total de 30 ou 31 alunos, ou seja, são mais de sessenta apostilas a cada semana para serem verificadas. Assim, a partir do mês de maio, a professora Juciele passou a distribuir os materiais didáticos entre os bolsistas para a “verificação” das demandas de aprendizagem, a princípio sem um mapeamento específico de grupos de estudantes. Cabe salientar que a prática com apostilas foi reforçada enquanto demanda dos próprios estudantes em roda de conversas no fim de ano, considerando que não é possível escrever em livros didáticos do governo porque eles devem ser usados por outros estudantes no ano seguinte. Isso faria com que tivessem que copiar o conteúdo no caderno, além da dificuldade de ocupar espaço com livro e caderno na carteira de braço.



Foi então que, no mês de junho, a professora mapeou as duas turmas em grupos de, em média, 8 alunos em cada. Essa organização serviu para que cada bolsista acompanhasse um grupo ainda mais de perto, voltando-se para suas necessidades, pontuando dificuldades específicas nas atividades, “verificando” as apostilas e relatando o desenvolvimento dos componentes do seu grupo. Tal divisão foi essencial para que fossem identificados os conteúdos que precisam de maior atenção, conhecer as necessidades de cada estudante e pensarmos em quais estratégias podem ser usadas para que toda a turma acompanhe um mesmo ritmo. A partir do mês de julho, os graduandos puderam cooperar na produção de algumas apostilas, como foram os materiais sobre narrativa de ficção, o gênero propaganda e sobre paroxítonas.

Assim, a prática em sala de aula com os materiais didáticos nas aulas foram fundamentais não somente para o ensino de língua portuguesa como também para produzir um ambiente inclusivo, formador de sujeitos críticos e com potencial de identificar as diferentes formas de preconceito dentro e fora da sala de aula através das ações afirmativas. Conforme os bolsistas e a professora foram conhecendo as turmas, puderam perceber regularidades, ainda que pequenas, de falas preconceituosas e excludentes “mascaradas” de brincadeiras. Foi então que a professora passou a incluir nas apostilas contextos e produções literárias que abordam temas como racismo, homofobia e capacitismo, a fim de conscientizar os alunos e combater as discriminações, além de integrar as bolsistas junto à pedagoga do ano de escolaridade em uma atividade formativa de acompanhamento.

Metodologia

Os gêneros literários trabalhados no primeiro e segundo trimestre foram linguagem poética e linguagem jornalística, já no terceiro trimestre foi linguagem publicitária. Os textos escolhidos para cada apostila foram bem diversificados e trabalharam autores e artistas influentes como uma entrevista com o MC Cabelinho, um poema de Conceição Evaristo e outro poema de Eliane Potiguara. A escolha desses e outros textos para os materiais didáticos têm sido base para apresentar aos estudantes figuras importantes na mídia brasileira e na formação da sua cultura.



Como dito anteriormente, ao longo do período letivo, foi possível observar algumas ocorrências, em ambas as turmas, de comentários de teor homofóbico, racista, machista e capacitista. Comentários esses que são feitos “mascarados” de brincadeiras, mas que vêm se tornando comuns nas escolas. Foi a partir disso que a professora e os bolsistas perceberam que os próprios materiais didáticos e livros paradidáticos poderiam contribuir para a formação de cidadania no âmbito da escola.

A fim de conscientizar as turmas sobre preconceito racial, o primeiro livro paradidático trabalhado em sala foi *Pretinha eu*, de Júlio Emílio Braz. Essa obra apresenta a história de uma aluna negra que consegue uma bolsa de estudos para estudar em um colégio de elite, lá a aluna vivencia o racismo pela exclusão dos colegas, os comentários preconceituosos sobre sua condição financeira, entre outras situações. A leitura do livro foi feita em sala pelos alunos e conduzida pela bolsista Kayllanie. Com essa atividade foi possível levar os estudantes a se colocarem no lugar da protagonista, a refletirem sobre as causas e as consequências do racismo, a como perceber esse crime no dia a dia e também levá-los a se identificarem com os personagens, seja como quem sofre, como quem pratica ou como quem assiste.

Essa temática também foi apresentada em algumas das apostilas posteriores à leitura. Um exemplo disso foi o material de Linguagem Jornalística I com quatro textos, sendo dois deles matérias jornalísticas com casos de ofensas raciais, uma tirinha e um poema sobre discriminação racial. Apesar do foco da apostila ter sido a identificação das características principais do gênero notícia, o estudo das funções de linguagem, lembrar o gênero poema e introduzir o gênero carta de leitor, os alunos também foram expostos a textos que abordam o racismo de diferentes formas, tanto no texto ficcional do livro paradidático, com nos textos de não ficção. Outros textos cujos alunos encontraram afinidade foram apostilas com notícias de diferentes anos sobre os casos de discriminação racial com o jogador de futebol Vinícius Jr. A repetição de fatos foi debatida com a turma também através de outros gêneros textuais como a charge, o que envolveu os estudantes já interessados na temática do futebol.

Outra temática trazida para a sala de aula foi a homofobia. Em uma das turmas, os bolsistas puderam perceber que algumas discussões entre os alunos acabavam em insultos homofóbicos entre eles mesmos. A partir disso, foi formulada uma apostila também de linguagem jornalística com reportagens e uma charge sobre o crime de homofobia. Nessa

apostila, os alunos puderam identificar os pontos principais do gênero, como o *Lead*, o título e as funções da linguagem utilizadas, simultaneamente com a problemática do preconceito. Assim, os estudantes puderam refletir sobre os impactos desse crime, de que formas ele se apresenta na sociedade e como devem fazer para promoverem ambientes respeitosos.

Além disso, ao fim do terceiro trimestre, após todas essas atividades com as turmas, foi iniciado o conteúdo do gênero entrevista. Cada turma foi dividida em três grupos que deveriam produzir uma entrevista sobre esses preconceitos estudados: racismo, nazismo, homofobia, preconceito religioso e capacitismo. Os estudantes puderam ir atrás de pessoas relevantes nos seus devidos assuntos, produziram suas perguntas, realizaram a entrevista e prepararam a apresentação para a turma sobre a experiência e o que aprenderam com isso.

O acompanhamento próximo, possibilitado pela divisão das turmas em pequenos grupos, favoreceu a observação de comportamentos, interesses e desafios, contribuindo para que as intervenções pedagógicas fossem mais precisas e eficazes.

A metodologia adotada também envolveu rodas de conversa, momentos de escuta ativa e devolutivas coletivas, práticas que permitiram acolher dúvidas, orientar reflexões e promover um ambiente de participação colaborativa. Essas estratégias dialogam diretamente com o eixo temático de cidadania, direitos humanos e inclusão social, pois estimulam o respeito às diferenças, o debate crítico e o posicionamento ético dos estudantes diante das situações tratadas.

Referencial Teórico

Durante as práticas de ensino-aprendizagem em sala de aula, é utilizado como referencial teórico a Análise do Discurso (AD), abordagem que também norteia as pesquisas científicas feitas pela docente e supervisora Juciele Pereira Dias. A AD compreende a linguagem em seu funcionamento na sociedade e na história, ou seja, como um processo histórico, ideológico, de produção de sentido nas relações entre sujeitos, que (se) significam por diferentes interpretações, inscritos nas formações discursivas que constituem esses sujeitos.



Cada prática realizada em sala de aula tem como ponto de partida a leitura de textos literários, jornalísticos, ou de divulgação científica, entre outros. A escolha desses textos não é aleatória; ela considera as condições de produção, ou seja, os contextos social, histórico, ideológico e institucional tanto imediato (quem, onde, quando) quanto o amplo (fatos e acontecimentos históricos, sociais), em que os textos foram produzidos e nos quais serão lidos. Sendo assim, priorizadas as leituras e produções de materiais que dialoguem com o universo dos alunos, considerando seu contexto escolar, familiar e comunitário.

Na perspectiva da AD, o processo de leitura vai além da simples decodificação de palavras para a comunicação. Trata-se de um processo de compreender como se dá a própria interpretação, em que o leitor ocupa uma posição discursiva, atravessada por saberes, crenças, ideologias e experiências prévias. Dito de outro modo, o que faz com que cada um interprete de uma maneira diferente ou até mesmo antagônica na atualidade? Nessa dinâmica, o papel do docente e dos professores em formação (como é o nosso caso) é fundamental para mediar o acesso ao texto, problematizando os sentidos possíveis e instigando os alunos a perceberem que o texto não tem um único significado fixo ou neutro em tempos de antagonismos político-partidários que polarizam a sociedade e isso também se faz presente na sala de aula. A AD, assim, dá bases para que enquanto professores em formação não se dê o significado já pronto, mas que se compreenda que há o dissenso e a possibilidade de produção de sentido(s) com a colaboração dos alunos, no coletivo. A leitura, assim, é um processo de produção de sentidos em determinadas condições de produção, tendo em vista que a(s) “resposta(s)” em uma turma não serão das mesmas da outra turma, mesmo que as atividades acontecem no mesmo turno.

O professor propõe caminhos de interpretação e promove o deslocamento das certezas dos alunos, ajudando-os a perceber as diferentes formações discursivas que atravessam os textos. Já os alunos, ao serem provocados a interpretar, se posicionam como sujeitos críticos, ativos, no processo de significação. É também levado em consideração o conceito de legibilidade, que na Análise do Discurso, não se restringe à clareza gramatical ou à simplicidade do vocabulário. Está relacionado à possibilidade de o texto ser interpretado a partir das condições de produção do leitor. Ou seja, um texto é mais ou menos legível conforme os saberes, os discursos e as experiências que o leitor/aluno traz consigo. Um texto pode ser “gramaticalmente simples”, mas ilegível para um aluno que não compartilha o universo de referência nele presente. Portanto, os processos de leitura são atravessados por



múltiplos fatores: o sujeito-leitor, o texto, o contexto de circulação e as práticas discursivas nas quais estão inseridos. A leitura não se realiza de forma neutra, pois é sempre efeito de sentidos produzidos por sujeitos históricos e ideológicos.

Assim, a Análise do Discurso contribui significativamente para o ensino em sala de aula, pois possibilita uma compreensão mais crítica dos sentidos produzidos na linguagem. Por meio dessa perspectiva, a professora e os alunos são levados a refletir sobre como os discursos estão atravessados por ideologias, formações sociais e condições históricas específicas, que permitem problematizar o que está sendo dito, por quem, e em que contexto. Dessa forma, no trabalho com a leitura, a escrita na interpretação toma uma dimensão outra, potencializando o a constituição de sujeitos críticos, conscientes de seu papel/posição sujeito na produção e circulação de sentidos na sociedade.

Resultados e Discussão

As ações desenvolvidas ao longo do subprojeto Pibid de Língua Portuguesa no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp) da UERJ têm produzido impactos perceptíveis no processo de ensino-aprendizagem e nas relações entre os estudantes das turmas acompanhadas. A partir da observação sistemática e da elaboração de materiais didáticos que dialogam com as demandas concretas da sala de aula, foi possível perceber transformações significativas na postura dos alunos diante de temas sociais sensíveis, como racismo, homofobia e capacitismo.

As apostilas produzidas coletivamente pelas bolsistas, em diálogo com a professora supervisora, propuseram a leitura de textos literários e não literários que abordam essas temáticas, promovendo reflexões sobre direitos humanos, cidadania e inclusão social. O trabalho com gêneros diversos, como o texto publicitário, o narrativo ficcional, o poema etc., permitiu que os estudantes relacionassem os conteúdos linguísticos a situações do cotidiano, ampliando a compreensão da linguagem como prática social. As discussões em torno de questões identitárias e de preconceito, conduzidas a partir das atividades, contribuíram para que os alunos se reconhecessem como sujeitos de direitos e para o fortalecimento de vínculos de respeito e empatia no grupo.

Entre as atividades realizadas, destacou-se a “Árvore dos Saberes”, proposta que incentivou os estudantes a escreverem sobre seus conhecimentos e experiências pessoais,



simbolicamente representados nas folhas de uma árvore exposta na sala. Essa dinâmica revelou a pluralidade de repertórios presentes na turma e serviu como ponto de partida para debates sobre diversidade cultural e valorização das diferentes trajetórias. A atividade de entrevista estimulou a escuta ativa e o diálogo, aproximando os alunos de histórias de vida marcadas por desigualdades, mas também por resistência e superação.

As produções textuais e orais decorrentes dessas práticas demonstraram maior engajamento e criticidade por parte dos estudantes. Foi possível observar avanços tanto na escrita quanto na argumentação oral, especialmente quando os temas das apostilas se relacionam a situações vividas ou observadas no ambiente escolar. As rodas de conversa e as devolutivas coletivas, mediadas pelas bolsistas, reforçaram a importância da escuta e da mediação pedagógica na construção de um espaço de aprendizagem colaborativo e inclusivo.

As observações registradas pelas bolsistas em relatórios semanais também dão forma/materializam a um percurso na participação dos alunos durante as aulas. Antes mais reticentes, muitos passaram a se posicionar nas discussões, relatando experiências pessoais e demonstrando maior consciência sobre práticas discriminatórias. Esse movimento reforça a relevância do Pibid como um espaço de formação docente comprometido com a transformação social, ao permitir que o ensino de Língua Portuguesa ultrapasse os limites da norma e se constitua como prática de cidadania.

Além disso, a experiência nos levou a compreender a importância dos materiais didáticos como instrumentos linguísticos e pedagógicos de ação afirmativa no cotidiano escolar. Ao abordar temas historicamente marginalizados, as apostilas produzidas no âmbito do subprojeto contribuíram para a promoção de uma educação linguística sensível às diferenças e ancorada em valores éticos e democráticos. A produção dessas apostilas autorais, fundamentada na observação das necessidades específicas de cada grupo, reforçou a concepção de que o ensino de língua deve se articular à realidade sociocultural dos estudantes, favorecendo a inclusão e o desenvolvimento integral.

As imagens e registros das atividades, como a “Árvore dos Saberes” e as produções sobre racismo e diversidade, ilustram o envolvimento dos alunos e o impacto positivo da proposta. Essas experiências demonstram que o trabalho coletivo entre licenciandas, supervisora e alunos do CAP da UERJ tem se configurado como prática formativa





transformadora, tanto para a construção da identidade docente quanto para o fortalecimento de uma educação comprometida com os direitos humanos e com a inclusão social.

Considerações Finais

Diante do exposto, conclui-se que a sala de aula se configura como um espaço privilegiado para a promoção da cidadania no contexto escolar. Com o envolvimento ativo dos docentes, esse ambiente torna-se um instrumento essencial para a reafirmação e a vivência dos direitos humanos entre os alunos do ensino básico. As ações afirmativas, integradas aos materiais didáticos, possibilitaram que as turmas do sétimo ano identificassem diferentes formas de preconceito presentes dentro e fora do ambiente escolar, bem como refletissem sobre atitudes adequadas para enfrentá-las.

Nesse sentido, evidencia-se o impacto positivo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) tanto na formação de alunos conscientes e participativos quanto no desenvolvimento acadêmico e profissional dos bolsistas, reafirmando sua relevância para a construção de uma educação mais crítica, inclusiva e cidadã.

Agradecimentos

Gostaríamos de expressar a nossa sincera gratidão pela oportunidade de participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), está sendo para nós, uma experiência enriquecedora, que nos proporciona não apenas aprendizado teórico, mas principalmente vivências práticas que contribuem de forma significativa para a nossa formação docente.

Agradecemos aos colegas, professores supervisores, coordenadores e a todos que fizeram e fazem parte desse percurso. Cada desafio enfrentado e cada conquista alcançada ao longo desse primeiro ano foram fundamentais para o nosso crescimento profissional e pessoal.

Levaremos os ensinamentos, as reflexões e, principalmente, o compromisso com uma educação mais humana, crítica e transformadora. Somos muito gratas por essa jornada de ensino-aprendizagem tão valiosa.





Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Brasília: CAPES, 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020.

DINIZ, Lígia Gonçalves. *O mundo nos textos literários: releituras da interpretação e possibilidades em sala de aula*. In: DINIZ, Lígia G. et al. *O ensino de literatura: teoria e prática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 37-54.



